

A Canção do Filho do Imperador

As Crônicas do Natal—Parte 1

Textos Seleccionados

Introdução

No dia 20 de novembro de 1898, nasceu um bebezinho irlandês que recebeu o nome Clive Staples. Era de se esperar que seus amigos o chamariam de C.S. Ele cresceu juntamente com seu irmão Warren numa casa grande na qual havia vários lugares interessantes onde brincar e se esconder. O lar dessa família, em Belfast, Irlanda, era um local alegre. Os pais de C.S. gostavam muito de ler e transmitiram esse amor pela leitura aos dois filhos.

Futuramente, C.S. escreveria: “Havia livros no escritório, livros na sala de jantar, livros no armário de casacos, livros empilhados na estante ao pé da escada, livros amontoados até a altura dos meus ombros no sótão, livros de todos os tipos.”¹

De repente, a vida da família foi transformada quando o Sr. Lewis morreu de câncer. Na época, o garoto C.S. tinha apenas nove anos de idade. Depois disso, os meninos partiram para estudar numa escola em sistema de internato. A primeira escola era tão mal administrada e os alunos tão maltratados que, por fim, acabou sendo desativada.

Quando C.S. Lewis tinha dezessete anos de idade, ele escreveu a um amigo: “Não creio em religião nenhuma... não existe, absolutamente,

prova alguma para nenhuma delas. Do ponto de vista filosófico, o Cristianismo nem sequer é a melhor das religiões.”² C.S. Lewis acabou estudando na Universidade de Oxford, ainda crendo que o evangelho não passava de mais um mito para confortar pessoas de mente fraca.³ Um tempo depois, aos 32 anos e como professor em Oxford, C.S. Lewis se tornou crente. O que aconteceu?

Uma das coisas que aconteceu foi que C.S. Lewis fez amizade com outros professores que desafiavam seu ceticismo. Um desses professores era J.R.R. Tolkien, o qual inseriu verdades cristãs em suas obras de fantasia, uma delas sendo *O Senhor dos Anéis*.

Todavia, C.S. Lewis escreveu posteriormente que a maior influência em sua vida concernente ao evangelho foi um pastor do século dezenove chamado George MacDonald, o qual era um contador de histórias. Suas histórias também entrelaçavam criaturas míticas e verdades do evangelho. Animais falantes, cavaleiros e rainhas juntos revelavam a história do evangelho. Pode até soar como algo irônico, mas foram as histórias do pastor George MacDonald que Deus usou para abrir os olhos de C.S. Lewis para enxergar a verdade da Palavra de Deus.

C.S. Lewis escreveu depois: “O Cristianismo é

Deus se expressando através do que chamamos de ‘coisas reais,’ isto é, a própria encarnação, a crucificação e a ressurreição.”⁴

Era de se esperar, então, que C.S. Lewis pegaria uma caneta e começaria a escrever suas próprias histórias com lugares míticos, animais falantes e batalhas ferrenhas entre reis e rainhas em um lugar chamado Nárnia. Suas histórias também eram entrelaçadas com temas bíblicos e verdades espirituais. Ele escreveu ao todo sete fantasias e, desde 1950, mais de 100 milhões de cópias foram vendidas. Isso para não mencionar sua obra clássica intitulada *Cristianismo Puro e Simples*, um livro que o Senhor tem usado para ganhar inúmeras almas para a fé em Jesus Cristo.

Das sete obras de fantasia que C.S. Lewis escreveu, a mais famosa é *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*. Nessa fantasia, quatro crianças entram em outro mundo por meio de um guarda-roupa velho numa casa do interior. Talvez você tenha lido os livros ou assistido ao filme.

Para os que leram o livro, não restam dúvidas quanto às intenções de C.S. Lewis com essa obra. Ele escreveu o seguinte em 1961:

A história inteira de Nárnia é sobre Cristo. Eu me perguntei: “Suponhamos que realmente existisse um mundo como Nárnia, e que esse mundo (como o nosso) desse errado, e suponhamos que Cristo quisesse entrar nesse mundo e salvá-lo, o que aconteceria?” As histórias revelam as respostas. Já que Nárnia é um mundo de bichos falantes, decidi que Cristo seria representado por um bicho nesse mundo de fantasia, assim como Ele se tornou homem em nosso mundo. Eu o retratei se tornando um leão porque o leão é o rei de todos os animais e porque Cristo é chamado de “o leão de Judá” na Bíblia.”⁵

Poucos meses antes de morrer, C.S. Lewis afirmou claramente o tema bíblico para cada uma de suas histórias que cobriam vários assuntos, desde a expiação ao anticristo.

Agora, não me entenda errado, este estudo não é sobre *As Crônicas de Nárnia*. Por mais que eu goste da fantasia, as histórias não são inspiradas. Contudo, irei utilizá-las nos próximos três estudos como plataforma para o que a Bíblia tem a dizer para nós hoje com uma linguagem bastante clara. Então, prepare-se aí para um pouco de fantasia de C.S. Lewis e se prepare para abrir a Bíblia também.

A Canção do Filho do Imperador

O livro *O Sobrinho do Mágico*, embora escrito depois das demais histórias, foi elaborado por C.S. Lewis para contar o início da história. O livro retrata duas crianças, Digory e Polly, que eram vizinhos. Num belo dia, enquanto exploravam algumas trilhas, eles se encontraram, inesperadamente, no escritório do tio malvado de Digory, André, que era visto como louco.

O tio André se metia com magia e tinha forjado anéis especiais que transportavam pessoas para mundos do além. Ele ainda não tinha testado os anéis em pessoas; tinha enviado apenas alguns animais de estimação que desapareceram no espaço. Havia dois anéis—um para se viajar para fora e outro anel para se voltar para casa. Mas não havia garantia de que funcionariam.

Já que o tio André era medroso demais para embarcar nessa jornada, ele enganou as crianças para que elas usassem os anéis. Como resultado, elas desapareceram de seus lares em Londres e foram transportadas para um mundo governado por uma rainha malvada. As crianças tentaram voltar à Terra e escapar daquela rainha, mas ela se agarrou no menino e voltou com elas para Londres. Ali, ela

começou a criar grande confusão no bairro das crianças.

Num esforço para enviar aquela rainha malvada de volta para o seu mundo, as crianças usaram os anéis uma segunda vez. Dessa vez, juntamente com o tio André, a rainha malvada e outros, as crianças viajaram, mas chegaram a outro mundo. Esse era um mundo totalmente escuro—um local de trevas, nada. Quando estavam prestes a usar os anéis novamente para fugir daquele mundo de escuridão, ouviram um barulho. A princípio, era um som suave e distante, mas que gradativamente se tornava mais alto. Era música; alguém estava cantando. Logo, outras vozes se juntaram à primeira. Como que seguindo a direção de alguém, o céu escuro acendeu com estrelas brilhosas, formando uma espécie de harmonia com a voz.

Depois disso, cores emergiram do horizonte, seguidas por mais melodia, até que o sol nasceu. O coral continuou, fazendo surgir morros e vales, pedras e rios—tudo brotou com vida. Daí, as crianças viram *ele*—um Leão enorme e peludo, de cuja boca procedia a canção. Enquanto ele cantava, mato, árvores, sapos, panteras, castores, ratos, pássaros e toda forma de seres viventes passavam a existir. Por fim, para o choque e alegria das crianças, o grande Leão falou: “Nárnia, desperta!” E ela despertou.⁶

O Leão Aslan ficaria conhecido como o Filho do Imperador além do mar. Então, foi a canção do Filho do Imperador que trouxe o mundo de Nárnia à existência.

Mas, já no princípio, o mal entrou no mundo de Nárnia. A rainha malvada tinha fugido depois de já ter ouvido o suficiente da canção do Leão. Ela aparecerá novamente depois como a Feiticeira Branca.

Então, Aslan diz às crianças: “Antes de este mundo novo e puro que eu dei a vocês ter completado sete horas de vida, uma força do mal já entrou nele.”

O crente não tem dificuldade alguma para compreender esse cenário. Logo no início, somos apresentados ao Filho do Imperador, ao Criador, à criação do mundo e do universo e à presença do ódio e do mal. O que C.S. Lewis imaginou como a *canção* da criação, nós conhecemos como a *história* da criação.

O apóstolo Paulo ensinou que o Filho do Imperador de fato criou tudo o que existe. Ele escreveu aos crentes de Colossos:

Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste (Colossenses 1.15–17).

Todas as coisas foram individualmente criadas por Jesus Cristo. Por exemplo, ele determinou que a enorme estrela Antares, que é apenas uma das bilhões de estrelas em nossa galáxia, seria 64 milhões de vezes maior do que o sol e revolveria, juntamente com o restante da nossa galáxia, a aproximadamente 320 km/h.

A Bíblia revela que Jesus Cristo deu nome a cada uma das trilhões e trilhões de estrelas em nosso universo e determinou seu movimento e ordem. Lemos o seguinte:

Assim diz o Senhor, que dá o sol para a luz do dia e as leis fixas à lua e às estrelas para a luz da noite, que agita o mar e faz bramir as suas

ondas; Senhor dos Exércitos é o seu nome (Jeremias 31.35).

Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem-contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar (Isaías 40.26).

Conta o número das estrelas, chamando-as todas pelo seu nome (Salmo 147.4).

Mas Jesus Cristo também criou as pequenas coisas. Uma gota de água pode conter até 500 milhões de seres microscópicos tão minúsculos que uma colher de chá de água seria equivalente para eles ao que o Oceano Atlântico é para nós.⁷ Se cada uma das milhões de moléculas em uma pequena gota d'água fosse convertida em um grão de areia, haveria areia suficiente para construir uma estrada de concreto de mais de 5.600 km de distância, tendo a estrada 30 cm de espessura e mais de 2 km de largura.

Jesus Cristo criou todas as coisas, desde as gigantescas até as mais minúsculas.

E como Jesus fez isso? Não somos informados dos detalhes do como, mas somos apresentados a quem fez isso. Sem qualquer explicação adicional, e com pouquíssima descrição, Moisés simplesmente registra as palavras inspiradas: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1.1).

Obviamente, Moisés não seguiu a teoria das origens tão popular nas escolas do Egito. Os egípcios criam que um oceano primitivo de alguma forma produziu um ovo, do qual nasceu o deus sol. O deus sol teve quatro filhos que constantemente brigavam entre si. A partir dessas brigas, o universo

surgiu.

Os babilônios tinham uma história da criação também, envolvendo enredos de deuses que, por fim, trouxeram a terra e o universo à existência.

Os gregos imaginavam um gigante mítico chamado Atlas que ficava às margens da terra sustentando os largos céus sobre sua cabeça, ombros e braços.

Os hindus creem que o mundo jaz sobre os lombos de três elefantes, os quais, por sua vez, estão de pé sobre um cágado gigante que nada em um oceano cósmico.⁸

Desde o século 19, cerca de 80 teorias sobre as origens têm aparecido—afirmando que a humanidade veio de algas marinhas ou evoluiu de primatas. Uma teoria que parece estar ganhando cada vez mais adeptos é a de que nós evoluímos de material que vida inteligente pré-histórica deixou em nosso planeta bilhões de anos atrás.

É de se esperar que haveria tanta frustração e desespero em nosso planeta. Negue o relato bíblico da criação e você finda crendo em algo envolvendo desde cágado gigante a brigas de deuses e extraterrestres. Por isso, o filósofo descrente Xenófanes afirmou: “A adivinhação reina sobre tudo.”

João diz em seu Evangelho: “Não há motivo para ficar adivinhando.” O apóstolo declara tanto a divindade como a obra criativa do Deus Filho quando escreve:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas

trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela (João 1.1–5).

Trevas... e agora, luz! Ele, o Verbo do Deus Triúno, fez todas as coisas a partir do poder criativo de sua voz. Essa é a canção do Filho do Imperador!

Conforme Gênesis 1, a canção atingiu seu clímax quando o Deus Triúno afirmou no verso 26:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

Em outras palavras, “Vamos criar um rei e uma rainha que governem sobre a terra. Vamos cria-los diferentes de todas as demais criaturas que fizemos até agora. Vamos cria-los, homem e mulher, conforme a nossa imagem.”

A palavra hebraica traduzida como *imagem* é *tselem*, cuja raiz transmite a ideia de esculpir. “Vamos esculpir a humanidade para que se pareça conosco.” E o que isso significa? Isso significa que os seres humanos não são resultado de alguma mutação genética aleatória. O ser humano não é uma criatura que passou a existir por causa de alguma modificação ou evolução do DNA de algum primata anterior.

A verdade é que nós temos várias características biológicas em comum com os animais. Afinal, compartilhamos o mesmo ambiente. É razoável esperar que teríamos características biológicas e fisiológicas em comum com eles.⁹ Nós somos mamíferos. Nossos órgãos funcionam de forma parecida com os dos animais mamíferos; nosso esqueleto é semelhante; nosso DNA compartilha de estrutura parecida.

Sinceramente, o ser humano se parece, em vários aspectos, com primatas.

Se esse é o caso, então como sabemos que os humanos são especiais e singulares na criação? Porque somos criados conforme a imagem de Deus e isso nada tem a ver com nossa aparência, como órgãos funcionam, como o DNA é estruturado ou com as expressões faciais. Na verdade, ser feito à imagem de Deus não pode se referir a alguma característica biológica, já que “Deus é espírito” (João 4.4) e “um espírito não tem carne nem ossos” (Lucas 24.39). Ser criado à imagem de Deus é algo muito além do aspecto físico; é aquela parte que os cientistas jamais encontrarão em nosso DNA; ela nunca foi programada em nossos cromossomos porque é espiritual!

O ser humano recebeu atributos espirituais singulares que os animais não receberam. Por exemplo, Deus colocou em nós consciência moral, consciência da existência pessoal e uma consciência da existência de Deus.¹⁰ Nós temos a capacidade de ter comunhão com Deus; somente nós, dentre todas as criaturas da terra, fazemos planos; sentimos culpa de pecado; geramos e transmitimos ideias; buscamos santidade, verdade e bondade. Somente nós podemos adorar o Salvador porque, acima de todos os atributos criados por Deus, temos um Redentor que carregou sobre seu corpo no madeiro os nossos pecados, para que vivamos para a justiça (1 Pedro 2.24).

Segundo o apóstolo Pedro, toda a criação—animais, planeta e o universo inteiro—passará:

Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas,

deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão (2 Pedro 3.10–12).

Em outras palavras, tudo quanto foi criado será incinerado em julgamento; tudo cessará de existir, exceto Deus, a humanidade e as hostes angelicais. Para estes, Deus criará um novo céu e uma nova terra—podemos dizer, um novo Jardim do Éden. Mais uma vez, ele será repleto de tudo, desde árvores frutíferas a animais para nós desfrutarmos em nossos corpos glorificados.

Um autor colocou isso da seguinte forma:

A criação é simplesmente o teatro de Deus no qual o grande espetáculo redentivo do Senhor é realizado. Este é o propósito para o qual o universo inteiro foi criado: para que a graça, misericórdia e compaixão de Deus fossem derramadas sobre essas criaturas que Deus criou em sua própria imagem. No fim, o teatro será destruído... e um novo, dessa vez eterno, será criado.¹¹

Isso significa que a canção da criação exigirá a história do Natal. A criação exige o Natal! Por quê? Porque o mal entrou no Éden. Assim como Nárnia, este primeiro mundo terá pouco tempo de vida e o mal já será planejado. A humanidade em breve cairá em pecado e precisará ser resgatada.

Por esse motivo, descobrimos na Bíblia que, mesmo antes da criação, o Filho de Deus já havia

planejado se tornar homem e morrer numa cruz (Atos 2.23; Apocalipse 13.8).

A criação exige a crucificação. Isso significa, meu amigo, que você precisa crer pela fé que o Filho do Imperador é, além de Criador, o seu Salvador pessoal. Ele, que foi o seu Criador precisa se tornar o seu Redentor também. Conforme lemos em João 1.12:

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome;

Convido você a se unir à família de Deus pela fé no Criador, o qual:

- desceu à manjedoura;
- subiu à cruz; e
- agora usa uma coroa.

Junte-se a nós, crentes em Jesus Cristo, e adore com o apóstolo Paulo, que escreveu:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Romanos 11.33–36).

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 11/12/2005

©Copyright 2005 Stephen Davey

¹ James Baehr e Ted Baehr, *Narnia Beckons* (Broadman and Holman, 2005), 13.

² Kurt Brunner e Jim Ware, *Finding God in the Land of Narnia* (Tyndale House, 2005), xi.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Baehr e Baehr, 122.

⁶ Brunner e Ware, 2.

⁷ Ibid., 44.

⁸ John Philips, *Exploring Genesis* (Loizeaux Brothers, 1960), 37.

⁹ John MacArthur, *The Battle for the Beginning* (Word, 2001), 163.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid., 157.